

8. O desejo fundamental

Poderíamos resumir o percurso feito até agora, inspirado pelas três inscrições da igreja de Chau Son Nord, dizendo que o desejo de estar com Deus, atraído pelo dom da sua presença, quando encontra Cristo torna-se experiência de plenitude, de paraíso, de vida eterna.

Para dar densidade e ilustração artística a este processo, que toma toda a nossa vida e deveria ser a alma viva e ardente, isto é, irradiante, das comunidades monásticas, pensei em meditar com vocês sobre uma obra musical que certamente todos conhecem, mas que corremos o risco de escutar sem nos determos para saborear o seu sentido profundo. É o moteto *Sicut cervus* do grande compositor do século XVI Giovanni Pierluigi da Palestrina.

O moteto retoma o início do salmo 41: "*Sicut cervus desiderat fontes aquarum: ita anima mea desiderat ad te, Deus* – Assim como a corça deseja as águas correntes, deseja igualmente minha alma a vós, ó meu Deus!"

Escutemo-lo: Palestrina - *Sicut cervus* - The Cambridge Singers

No moteto de Palestrina impressionam-me, ou melhor, prendem-me e envolvem-me pelo menos três coisas.

A primeira é como Palestrina faz cantar a palavra "*desiderat*", que é repetida muitas vezes, multiplicada pelas quatro vozes. É como se cada vez a música descesse para buscar a primeira sílaba, "*de*", no fundo, embaixo, para subir a cada sílaba seguinte em direção ao alto. Talvez, não de modo linear: como na última vez em que se canta "*desiderat*" – para mim, o ponto mais emocionante do moteto –: ali os baixos descem novamente para retomar o "*de*" da terceira sílaba. Mas praticamente sempre a quarta sílaba, "*rat*", está no alto.

Esta será uma análise um pouco ingênua, de alguém que de música entende pouco, mas, para mim, isto exprime quanto seja importante que o nosso desejo ascenda a partir de baixo, do profundo da nossa humanidade. A música é como o Espírito Santo que, cheio de compaixão, como escreve São Paulo aos Romanos, "vem em auxílio à nossa fraqueza; porque não sabemos o que devemos pedir, nem orar como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inefáveis" (Rm 8, 26). O Espírito desce, isto é, para reerguer a nossa condição humana, atraindo-a e elevando-a em direção às estrelas.

Com efeito, a etimologia de "desejo" é a composição da partícula "*de*", prefixo que indica falta, privação, distância, e de "*sidus*", isto é, estrela, símbolo do infinito que nos supera, que está no alto e que nos faz sentir a distância como uma ferida incurável. Mas eis que Palestrina desce à falta, ao "*de*", e, de nota em nota, exprime o elevar-se do desejo. E o Espírito faz isto porque ao alto quer levar o homem, a nossa humanidade, o nosso coração no qual se concentra a consciência de toda a realidade, sem deixar nada para trás.

De fato, o salmo 41 a certa altura diz:

“Como o abismo chama outro abismo,
ao fragor de vossas cascatas,
vossas ondas e vossas torrentes
sobre mim se lançaram” (Sl 41, 8).

O profundo abismo do Mistério chama o abismo do coração humano que é como uma profundidade especular diante da profundidade infinita de Deus. Um abismo de miséria diante do abismo da Misericórdia, como Santo Agostinho descreve o encontro entre a mulher adúltera e Jesus quando permanecem a sós no meio da praça (cf. Jo 8, 9-11). Mas o abismo do Mistério “chama” o abismo da nossa humanidade perdida. A Bíblia grega, seguida pela Vulgata, não diz: “ao fragor de vossas cascatas”, mas “à voz de vossas cataratas – *voce cataractarum tuarum*”. Do abismo do mistério de Deus desce uma voz, potente como o fragor de uma catarata, para chamar uma profundidade de nós mais profunda que nós mesmos. E é uma voz que nos invade, como se preenchesse o abismo vazio em que afundamos. Mas não é água, é uma voz, é um som, um canto. É como se Palestrina tivesse compreendido que no “*desiderat*” devia colocar o eco desta voz, como se o chamado de Deus, descido ao fundo, devesse ricochetear sobre o “*de*” e subir novamente para o alto abismo do Mistério.

Disseram-me que quem nada no Reno, em Basileia, pode encontrar redemoinhos que nos sugam para baixo d’água. Então, o bom método não é afadigar-se em permanecer à tona, o que piora a situação, mas deixar-se absorver pelo vórtice até tocar o fundo do rio e, então, dar novamente impulso em direção à superfície e continuar a nadar, superando o perigo.

Isto é o desejo! O desejo é como o eco que a voz do abismo do Mistério bom, que nos deseja consigo, que deseja nos elevar até si, cria no abismo da nossa pobreza, da nossa solidão, da nossa carência, distância e tristeza.

É como quando um pai levanta o seu filho e, para fazê-lo feliz, levanta-o mais alto que a sua própria estatura, embora o segure firmemente por debaixo dos braços. Porque para a criança não interessa o calafrio de ser lançada para o alto, no vazio, mas poder experimentar a altura que o firme apoio do pai lhe permite alcançar. A criança gosta de experimentar o voo que pode realizar sem se desprender do pai. Em outras palavras, à criança interessa poder experimentar em total confiança a altura, a largura e a profundidade que o abraço do pai dá à sua vida.

O adolescente terá necessidade de procurar altura, largura e profundidade fora do abraço dos pais, fora do apoio da autoridade. E está bem, é necessário. Mas, mais cedo ou mais tarde, hoje mais tarde que cedo, a maturidade de uma pessoa se aprofunda quando, como diz Jesus, ela se converte para se tornar como as crianças na relação com Deus e com a comunidade: livremente consciente de que a altura, a largura e a profundidade da vida se encontram mais na pertença, na fidelidade, do que na independência por si mesma.